

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

MARIA AUXILIADORA SANTANA

**AFETIVIDADE: INFLUÊNCIA PROPULSORA NA
FORMAÇÃO DE UMA PROFESSORA DA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

**CAMPINAS
2008**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARIA AUXILIADORA SANTANA

**AFETIVIDADE: INFLUÊNCIA PROPULSORA NA
FORMAÇÃO DE UMA PROFESSORA DA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS
2008

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Sa59a	Santana, Maria Auxiliadora. Afetividade: Influência propulsora na formação de uma professora da educação infantil: memorial de formação / Maria Auxiliadora Santana. -- Campinas, SP :[s.n.], 2008. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF). 1. Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida. 4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título. 08-251-BFE
-------	--

Dedico esse Memorial de Formação à minha mãe, que com seu exemplo de mulher sempre lutou pelos seus ideais, sua perseverança e persistência nos embates da vida, conduziu-me à formação acadêmica, como vocação e opção pela Educação Infantil, tornando assim uma profissional que busca contribuir significativamente na vida das crianças, respeitando-a em seu ritmo e capacidade de aprendizagem.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, pelo dom da vida, pelo amor e pela oportunidade de concretizar meus objetivos acadêmicos.

Aos meus pais pelo carinho e incentivo para minha formação profissional.

À minha filha Sara, pela sua compreensão nos momentos que me ausentei para dedicar-me aos meus estudos.

Ao meu esposo Paulo, pelo companheirismo e carinho em toda essa caminhada acadêmica.

Às minhas colegas de curso, pessoas a quem aprendi a respeitar e valorizar a cada dia durante o curso.

Aos professores, coordenadores, e demais profissionais comprometidos com o curso que apresentaram conhecimento e sabedoria na prática pedagógica,

Em especial, ao orientador deste trabalho que por meio de sua experiência conduziu-me com sabedoria até a conclusão do mesmo.

A todos que de forma direta ou indireta contribuíram para a concretização deste trabalho científico.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	1
CAPÍTULO I	
A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO DESEMPENHO ESCOLAR: UMA CONTRIBUIÇÃO HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO	4
CAPÍTULO II	
A AFETIVIDADE COMO INFLUÊNCIA SIGNIFICATIVA NAS FUNÇÕES COMPORTAMENTAIS E COGNITIVAS	13
CAPÍTULO III	
A FORMAÇÃO PROFISSIONAL E A VALORIZAÇÃO DA PRÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL COMO MAIS UMA CONQUISTA EM MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

APRESENTAÇÃO

Ao realizar a leitura das orientações para início deste Memorial, meus pensamentos iam e vinham do passado ao presente, lembrando minha vida: dentre essas passagens muitas me orgulho e outras retratam momentos considerados desfavoráveis, tanto para o meu desenvolvimento pessoal quanto profissional. Portanto, com a evolução da psicologia pude amenizá-los por meio da terapia, em sessões que se tornaram significativas em meu cotidiano.

Quando nos propomos a reconstruir nossa história de vida temos que nos preparar para as emoções que vivenciaremos, dentre as quais podemos sentir de maneira diferente daquele período em que as vivenciamos, pois ao analisarmos criticamente o que vivemos, temos a oportunidade de ressignificá-las observando-as de um outro ângulo e comparando-as com o momento presente. Acredito, ainda, que com maturidade pode-se buscar uma compreensão maior para os fatos vividos em um certo período, podendo analisá-los com maior clareza e evidenciando o que levou-nos a sentir tais emoções naquele momento e/ou naquele lugar.

As emoções serão vividas de maneira intensa, porém com novas sensações que podemos reavaliá-las, entre elas, alguns fatos poderão nos trazer sentimentos que até o momento não foram compreendidos por não avaliá-los como deveria. Pessoas envolvidas podem tornar mais significativas em nossa trajetória, como também, tornar-se indiferente para o nosso cotidiano no momento atual.

Severino contribui ao explicitar que:

O Memorial constitui, pois, uma autobiografia configurando-se como uma narrativa simultaneamente histórica e reflexiva. Deve então ser composto sob a forma de um relato histórico, analítico e crítico, que dê conta dos fatos e acontecimentos que constituíram a trajetória acadêmico-profissional de seu autor, de tal modo que o leitor possa ter uma informação completa e precisa do itinerário percorrido (2001, p. 175).

Nesse contexto, percebe-se que ao iniciar o Memorial busquei investigar alguns autores que fundamentassem sobre a vida social, cultural e acadêmica, para inteirar-se melhor do tema. No entanto, esta pesquisa ampliou meu conhecimento ao associar a fundamentação teórica à minha prática histórica, pois nesta investigação de fatos reais vivenciados por mim reflete uma trajetória de personagens que se destacam como sujeitos por fazerem parte desse contexto histórico, social e cultural.

Os sujeitos puderam me conduzir para delinear caminhos como sonhos, desejos, perspectivas futuras, que se concretizaram norteados por um leque de sentimentos, valores e comportamentos hoje numa visão reflexiva e crítica. “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” (BOSI, 1995, p. 55).

Não foi uma pesquisa como as demais do curso, pois esta me fez reviver fatos reais, muitos que haviam sido escondidos para que amenizassem uma história de vida, e não tornam obstáculos para prosseguir a trajetória futura. Desse modo, a dificuldade em mentalizá-los, em investigá-los em suas minúcias, foram elementos que se tornaram presentes.

Na trajetória onde busquei a memória vivida, de forma descritiva e analítica, deparei com lembranças significativas que valorizam a afetividade como elemento essencial na vida do ser humano. O afeto desempenha papel preponderante no funcionamento cognitivo da criança.

Nessa perspectiva, o Memorial, por meio da narrativa abordará temas que buscam coerência nos teóricos que tornam o conteúdo relevante para a compreensão de uma profissional da Educação Infantil que em sua prática mostra que a aceitação de si própria é fundamental para o desenvolvimento do processo de construção do conhecimento nas crianças, é a confiança em si mesmo que será o suporte para que ela se exponha, crie e enfrente desafios, tendo a família como um suporte numa contribuição significativa em minha trajetória histórica na educação.

Assim, a auto-estima é fundamental no desenvolvimento integral da criança, e a afetividade em minha trajetória histórica, social e cultural foi um

elemento que esteve presente como influência propulsora para minha formação acadêmica e profissional.

Desse modo, compreende-se também os saberes construídos pelo educador como possibilidades para uma visão que valorize os sentimentos da criança em seu processo educativo e a valorização da prática e formação do profissional da educação.

CAPÍTULO I

A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO DESEMPENHO ESCOLAR: UMA CONTRIBUIÇÃO HISTÓRICA NA EDUCAÇÃO

O envolvimento dos pais na vida dos filhos tem como função prioritária promover a sobrevivência e o desenvolvimento de seus membros. A família é indispensável devido à sua função primordial de proteção, de apoio emocional na resolução de problemas e conflitos, visando manter a saúde física e mental do indivíduo. A família tem papel importante no que se refere à socialização da criança, no comportamento e o sentido de identidade da criança, e, ainda, essencial na vida da criança é o afeto que esta encontra em seu meio, o carinho e o cuidado, dos pais e da família.

Segundo Macedo *apud* Oliveira há uma distinção na definição de família do ponto de vista psicológico que difere da definição legal:

A família é um pequeno grupo social composto por indivíduos relacionados uns aos outros em razão de fortes lealdades e afetos recíprocos, ocupando um lar ou conjunto de lares que persiste por anos e décadas. [...] Essa é a definição de família mais abrangente quando se a vê do ponto de vista psicológico, diferindo por exemplo da definição legal que implica em consangüinidade ou moradia sob um mesmo teto. O que define a família, ao nosso ver, são as funções desempenhadas por seus membros em suas inter-relações [...] (2001, p. 185).

Nesse sentido, a família tem o propósito de manter suas inter-relações, proteger seus membros, num elo de lealdade e afetos entre si.

No entanto, a família nem sempre teve a mesma responsabilidade que se apresenta atualmente, houve uma evolução através dos tempos como tantas transformações que o homem sofreu em seu espaço sócio-cultural que ocorre continuamente renovada e reconstruída.

Em seus relatos minha mãe contou-nos que era de uma família constituída de sete irmãs e um irmão. Aos nove anos perdera sua mãe. Seu pai não tendo condições de cuidar dos filhos enviou-os à casa de parentes. No

entanto, apenas minha mãe foi para um Orfanato de religiosas, em outra cidade, para estudar e tornar-se professora.

Hoje, numa nova visão da trajetória histórica de minha mãe, concluo que meu avô queria protegê-la, encaminhando-a um Orfanato apostava em seu futuro profissional e na educação.

Durante os cinco anos em que permaneceu neste orfanato não recebeu notícia, nem visita ou carta de nenhum parente. Apenas se retirou de lá porque o mesmo fechou por falta de condições para manter as internas. Minha mãe não conseguiu realizar o sonho de meu avô e também o seu, pois estudara somente até a terceira série (antigo primário). A falta dos estudos foi marcante na vida de minha mãe, portanto, pode contar com sua determinação e força de vontade.

Pode-se evidenciar que a educação passou por grandes transformações ao longo dos anos, e a constituição de 1946, nos apresentou diante das leis, decretos e resoluções, que não foi diferente para a escola primária. Naquele período, a escola surgia como fenômeno novo na realidade brasileira ancorada nos bons costumes e nos valores religiosos.

Assim, o decreto-lei nº. 8.529 promulgado em 2 de janeiro de 1946, com a mudança de regime e a volta à normalidade democrática, revelou certo grau de abertura que se podia perceber através da Lei Orgânica do Ensino Secundário, como explicita Romanelli:

O ensino primário até então, praticamente, não recebera qualquer atenção do Governo Central, estando os sistemas do ensino ligados à administração dos Estados, e, portanto, sujeitos às condições destes para legislar e inovar. Não havia diretrizes traçadas pelo Governo Federal para esse nível de ensino e isso era uma tradição que estava ligada à nossa herança colonial. Na verdade, a não ser a obra esporádica das ordens religiosas, jamais se tinha cuidado seriamente do assunto. [...] Várias reformas do ensino feitas pelos Estados haviam atingido em cheio a escola primária, desde a década de 1920. Mas eram reformas isoladas, que contribuíam para acentuar mais ainda as diferenças regionais em matéria de educação (2001, p. 160):

Desse modo, apresentou-se uma nova Constituição de 1946, tratando dos direitos e garantias individuais quanto às questões referentes à educação e à cultura, que estabelecem os artigos:

Art. 166: A educação é direito de todos e será dada no lar e na escola. Deve inspirar-se nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana.

Art. 167 – O ensino dos diferentes ramos será ministrado pelos poderes públicos e é livre à iniciativa particular, respeitadas as leis que o regulem.

Art. 168 – A legislação do ensino adotará os seguintes princípios:

I – o ensino primário é obrigatório e só será dado na língua nacional;

II – o ensino primário oficial é gratuito para todos; o ensino oficial ulterior ao primário sê-lo-á para quantos provarem falta ou insuficiência de recursos [...] (LEI N.º 6 – DE 19 DE DEZEMBRO DE 1946).

Por meio da Constituição de 1946 mostra uma das grandes inovações educacionais, como a educação assegurando o direito de todos que devia inspirar-se nos princípios de liberdade e solidariedade humana.

Neste contexto histórico, ao retornar do Orfanato, minha mãe ficou pouco tempo na casa de seus avós, onde lhe “arranjaram” um casamento, com um rapaz que mal conhecia. Os seus irmãos também seguiram o seu caminho, não puderam estudar, porém trabalharam em fazendas, casaram-se constituindo família e trabalharam para a sua sobrevivência e da família.

Naquele momento, minha mãe, também teria o mesmo “destino”, pois não poderia fugir do casamento “arranjado”, pois toda mulher tinha como destino o casamento. Del Priore traz significativa contribuição em sua explicitação ao referir-se a ser mulher nos meados do século XX:

A mulher que não seguisse seus caminhos, estaria indo contra a natureza, não poderia ser realmente feliz ou fazer com que outras pessoas fossem felizes. Assim, desde criança, a menina deveria ser educada para ser boa mãe e dona de casa exemplar. As prendas domésticas eram consideradas imprescindíveis no currículo de qualquer moça que desejasse se casar. E o casamento, porta de entrada para a realização feminina, era tido como “o objetivo” de vida de todas as jovens solteiras (2002, p. 609-610).

Desse modo, meus pais se uniram pelo matrimônio e conviveram nessa união durante cinquenta anos. Um relacionamento conturbado, onde presenciou-se brigas, divergências em suas opiniões e visões diferentes ao analisar a realidade em que estavam inseridos.

Esses cinquenta anos foram marcados por momentos que retratavam suas lutas pela sobrevivência. De origem nordestina (Rio Grande do Norte), ao se casarem sentiram a necessidade de migrarem para o estado de Minas Gerais, num transporte chamado popularmente, em 1948, de “pau-de-arara”. O destino dessa migração foi o Triângulo Mineiro. Município de Ituiutaba, considerada naquele momento, “Capital do Arroz”.

De acordo com a Revista Centenário de Ituiutaba (2001), a cidade foi assim chamada “Capital do Arroz” porque a produção estendia e determinava o aparecimento das primeiras máquinas de beneficiar arroz, isso na década de 50, quando o ciclo do arroz, além de suas implicações econômicas e políticas marcariam o aspecto social, tendo como representação de maior proeminência desse momento, a migração de nordestinos para trabalhar nas lavouras de arroz.

Mas, suas andanças prosseguiram, e já não eram mais só duas pessoas, foram nascendo os filhos e com eles o desdobrar laboral para o sustento da família.

Del Priore faz apontamentos dos anos 50 e da família ao afirmar que:

Na família-modelo dessa época, os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres e eram os responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos. A mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido – e das características próprias da feminilidade, como instinto materno, pureza, resignação e doçura (2002, p. 608-9).

Assim, suas vidas são retratadas de acordo com o momento vivido e a cultura da época.

Não havia controle da natalidade para esses trabalhadores rurais que tiravam da terra o sustento da família e, muitas vezes, eram explorados pelos fazendeiros. Nem assim desistiam, os desafios foram os elementos que deram força à sobrevivência.

Uma família numerosa foi-se constituindo pelo meu pai e minha mãe. Tiveram dez filhos, dos quais sobreviveram cinco, fui uma das últimas, e gosto de brincar que nasci na Grama, nome da fazenda aonde vim ao mundo.

Nesse contexto, D'Andrea (2000, p. 30) explicita sobre o nascimento como: "A primeira grande experiência vivida pelo ser humano é o próprio nascimento. Embora previsto pela natureza, constitui o primeiro obstáculo a ser vencido no processo do desenvolvimento". É assim que os laços se estreitavam entre minha mãe e seus filhos, que desempenhava seu papel da maneira mais saudável que lhe era oferecida.

Nessa perspectiva, D'Andréa realça que:

Desde os primeiros instantes de vida, o comportamento materno exerce influência na formação da personalidade da criança, mesmo sem o uso da comunicação verbal. A maneira como a mãe soluciona os problemas decorrentes de seu novo papel, expressada pelos gestos e sentimentos em relação ao filho, irá, segundo o resultado, provocar respostas de prazer ou desprazer no organismo infantil e isto terá um efeito duradouro na sua concepção da realidade (2000, p. 32-3).

Dessa forma, o desenvolvimento da relação da mãe para com os filhos é de grande importância no meio familiar, bem como para o desenvolvimento da criança, particular e integralmente.

O nascimento marca o início de uma nova etapa em nossa vida e foi assim que senti minha infância, a presença de meus pais me protegendo e cuidando de mim, ao mesmo tempo em que ofereciam oportunidades para a construção de meu conhecimento, e, assim, do meu desenvolvimento integral, envolvendo os contextos cognitivo, sócio-afetivo e psicomotor.

O meu relacionamento e de meus irmãos era de grande harmonia, uns procuravam proteger os outros, principalmente, os maiores sentiam como responsabilidade a cumprir em proteger os menores, mais novos. Realizando

as aprendizagens necessárias estávamos sempre imitando os mais velhos, os quais nos ensinavam ajudando a superar obstáculos e amenizavam nossos medos.

Somente aos sete anos de idade tive oportunidade de freqüentar uma escola, quando fiquei sabendo que o proprietário da fazenda havia mandado construir uma escola para os filhos dos colonos. Dei pulos de alegria, pois sentia que eu faria parte dela. Tornou-se realidade o sonho das mães daquela redondeza, especialmente, o de minha mãe. O tempo todo eu observava a realização da construção da escola, estava muito ansiosa para iniciar minha vida escolar.

Minha entrada na escola foi marcante, pois eu estava conquistando um novo espaço em minha trajetória de vida. Ao mesmo tempo, eu passava por momentos de grandes emoções, entre elas experimentava a ansiedade, por haver conseguido estar ali presente e a insegurança quanto à aproximação dos outros, colegas e professora. Eu estava vivendo um processo de adaptação num novo grupo social, a escola.

Mas, eu podia contar com o incentivo de minha mãe, com seu interesse em minha vida escolar e sua participação oferecendo seus préstimos à professora. Naquele momento, surgiu um vínculo maior entre eu e minha professora, nascia assim uma parceria que deu certo: família-escola. As outras senhoras, mães de alunos, embora com pouco ou quase nada de educação formal, também ofereceram ajuda no que a professora precisasse para a aprendizagem de seus filhos.

A relação entre a família e a escola é indispensável no que se refere à socialização da criança, a seu comportamento e no sentido de contribuir para sua formação identitária, tendo como papel essencial o afeto. A família torna-se responsável pela proteção, pelo apoio emocional na resolução de problemas e conflitos e para manter a saúde física e mental dos seus filhos.

Martinez considera como responsabilidade da família a participação no processo educacional:

A atuação da família na escola deve ser complementar à ação educativa. Jamais deve funcionar como substituta da escola

que não assume suas responsabilidades e tenta passá-las para os pais. A escola precisa dos pais, mas deve ser agradável para atraí-los. Com isso, destrói o mito de que os pais não gostam de participar das atividades escolares ou não têm tempo para fazê-lo. [...] Os melhores exemplos de integração escola/família estão entre as comunidades mais participativas, ainda que menos favorecidas economicamente, e não entre as mais instruídas (2007, s/p.).

Desse modo, apresenta-se a responsabilidade social dos pais no que se refere à aprendizagem de seus filhos, participando na escola, fazendo o acompanhamento das crianças. Mostra a importância da parceria família-escola, e ainda realça, a autora acima, que os pais menos favorecidos, aqueles de posição financeira mais baixa, deixam evidenciar a importância dos estudos para seus filhos, e assim, não perdem a oportunidade de estar ali presente na escola, talvez para que seus filhos não fiquem sem estudos como os mesmos, e “tenha um futuro melhor”, referindo-se à educação formal. Esses pais estão presentes nessa parceria, oferecem recursos materiais para seus filhos, muitas vezes, tornando-se prioridade esses recursos, mais que a própria alimentação, para que possam adquirir conhecimento formal, frequentar uma instituição escolar e ter um futuro com mais dignidade que os seus. A participação desses pais, muitas vezes, analfabetos, pode ser realizada através de atitudes, como o diálogo com seus filhos em relação à valorização humana; incentivo para despertar seu interesse pelo saber no ambiente escolar; pelo contato com o professor numa relação de respeito, consideração, solidariedade e cumplicidade na tarefa de formar um cidadão preparado para a sociedade em que se insere.

A família tem como papel fundamental na produção e reprodução cultural e social da criança, reforçando no filho sua auto-estima, seu autoconceito, sua autoconfiança, resultando contribuição significativa na criança para que compreenda a função da escrita e da leitura. Toda essa responsabilidade social em relação aos seus filhos depende de sua proteção, orientação e afeto.

A escola deve se preocupar com a apropriação da experiência culturalmente, dos aspectos cognitivos e afetivos, do desenvolvimento do ser (criança) em sua totalidade, realizando como professor a mediação do aprendiz

com o outro e dos signos, pois essa interação e relações de ensino transformarão o resultado do processo de desenvolvimento do aprendiz.

As relações afetivas na sala de aula de professor-aluno e aluno-aluno são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo da criança. Nesse contexto, nas teorias de Wallon (1968) em sua psicogênese o desenvolvimento humano divide-se em etapas sucessivas, alternadas, ora da afetividade, ora da cognição; o teórico Vygotsky (1998) aponta como determinante na aprendizagem a mediação, selecionando dois tipos: os instrumentos e os signos. Sendo que o instrumento é o elemento mediador entre o sujeito e o ambiente e, o signo age como um instrumento da atividade psicológica, e pela mediação do outro, ocorre o processo de interação com o meio social em que o sujeito apropria-se dos objetos culturais.

Leite e Tassoni expõem que:

As interações em sala de aula são constituídas por um conjunto complexo de variadas formas de atuação que se estabelecem entre as partes envolvidas – professores e alunos. Uma maneira de agir está intimamente relacionada à atuação anterior e determina, sobremaneira, o comportamento seguinte. Na verdade, é pela somatória das diversas formas de atuação, durante as atividades pedagógicas, que a professora vai qualificando a relação que se estabelece entre o aluno e os diversos objetos de conhecimento. O que se diz, como se diz, em que momento e por quê – da mesma forma que o que se faz, como se faz, em que momento e por quê – afetam profundamente as relações professor-aluno e, conseqüentemente, influenciam diretamente o processo de ensino-aprendizagem, ou seja, as próprias relações entre sujeito e objeto. Nesse processo de inter-relação, o comportamento do professor, em sala de aula, através de suas intenções, crenças, valores, sentimentos e desejos, afetam cada aluno individualmente (2007, s/p).

Desse modo, a criança inicia-se em seu grupo familiar as relações de afeto, desde bebê com a comunicação emocional, iniciando o seu processo de aprendizagem. Progressivamente, em suas relações estabelecem o vínculo afetivo, por meio da sua relação com o outro, e ao ingressar numa instituição escolar, ampliará esse vínculo conquistando avanços significativos tanto no

âmbito cognitivo como na afetividade, sendo a figura do professor fundamental para o seu desenvolvimento e progresso na aprendizagem. Evidencia-se que a afetividade presente nas interações sociais influencia os processos de desenvolvimento cognitivo.

CAPÍTULO II

A AFETIVIDADE COMO INFLUÊNCIA SIGNIFICATIVA NAS FUNÇÕES COMPORTAMENTAIS E COGNITIVAS

A aprendizagem é concebida como a aquisição de um novo conhecimento e a construção de um conceito, em que Vygotsky (1994) aponta como pilares de seu pensamento: as funções psicológicas com suporte biológico, pois são produtos da atividade cerebral e o funcionamento psicológico que se fundamenta nas relações sociais entre indivíduo e meio.

A relação homem-mundo é uma relação mediada por sistemas simbólicos em que os instrumentos e a linguagem, sistema básico dos humanos, constituem representações da realidade, onde o homem torna-se capaz de ver o mundo e operar sobre ela. Nesse sentido, o pensamento e a afetividade são condições essenciais ao longo do desenvolvimento das funções mentais superiores do ser humano.

Vygotsky (1994) realça ainda que a aprendizagem esteja ligada às interações sociais e o desenvolvimento refere-se ao processo de internalização, que a criança, gradativamente, vai tornando seus, os modos de ação que antes eram compartilhados com os outros. Nessa perspectiva, a aprendizagem dos alunos, transcorre de forma contínua, porém uma pequena parcela apresentando dificuldades resulta preocupação aos professores e dos especialistas da educação.

Ao estudar o desenvolvimento da pessoa nos domínios afetivo, cognitivo e motor, a teoria walloniana, identifica alguns campos funcionais no sujeito que comporiam a pessoa integrada, resultando quatro temas fundamentais em sua teoria: afetividade, movimento, inteligência e a questão da pessoa, do eu. Desse modo, Galvão explicita a teoria de Wallon quanto à afetividade:

Afetividade – Wallon vai pensar a questão das emoções, entendidas como um tipo particular de manifestação afetiva

que se diferencia de outras por alguns traços. [...] As emoções são o primeiro recurso de que dispõe o ser humano recém-nascido na comunicação com o outro; no estado de imperícia em que o bebê vem ao mundo elas têm o poder de mobilizar as outras pessoas (1995, p. 4-7).

Assim, a função comunicativa é uma manifestação no meio social que tende a se propagar. A emoção é fundamental e a educação deve tematizá-la como contribuição importante para a prática pedagógica.

A emoção e a afetividade são contribuições que a obra de Wallon (1959) nos oferece, pois em sua opinião, a afetividade tem um papel fundamental no processo de desenvolvimento da personalidade, constitui-se através das alternâncias dos domínios funcionais.

Dantas *apud* La Taille explicita sobre inteligência e pessoa, que:

O processo que começou pela simbiose fetal tem no horizonte a individualização. Paradoxalmente, poder-se-ia afirmar desta individuação que ela vai de um tipo de sociabilidade para outro, através da socialização. Não há nada mais social do que o processo através do qual o indivíduo se singulariza, constrói a sua unicidade. Quando ele superou a dependência mais imediata da interpessoalidade, prossegue alimentando-se da cultura, isto é, ainda do outro, sob a forma, agora, do produto do seu trabalho. Poderá agora “socializar-se” na solidão. Este longo caminho leva de uma forma de sociabilidade a outra. Nunca o ser “geneticamente social” a que se refere Wallon poderia passar por uma fase pré-social. O vínculo afetivo supre a insuficiência da inteligência no início. Quando ainda não é possível a ação cooperativa da inteligência no início. Quando ainda não é possível a ação cooperativa que vem da articulação de pontos de vista bem diferenciados, o contágio afetivo cria os elos necessários à ação coletiva. Com o passar do tempo, a esta forma primitiva se acrescenta a outra, mas, em todos os momentos da história da espécie, como da história individual, o ser humano dispõe de recursos para associar-se aos seus semelhantes (1992, p. 97).

Para Wallon, a primeira condição da construção do “eu” psíquico é a condição do “eu” orgânico. O psiquismo humano constituiu-se da integração da realidade de ordem genética e de realidade de ordem social. Portanto, a criança walliana é um ser social desde o nascimento, ou mesmo anterior a ele. Centraliza seus estudos na ótica da complementaridade do biólogo e do social,

nos quais trabalhou a questão da reciprocidade entre o ser vivo e o seu meio. Para ele o processo de construção da pessoa se dá pela interação e pela contradição.

Ao interagir com o outro, a criança irá conviver com muitos conflitos que certamente contribuirão para o desenvolvimento de sua personalidade. Wallon não se preocupa somente com a sociabilidade como processo necessário para o desenvolvimento humano, atribui, ainda, importância fundamental a emoção como instrumento de sobrevivência da pessoa humana. A afetividade é um domínio funcional sendo que para se desenvolver necessita da ação de dois fatores: o orgânico e o social.

Wallon (*apud* Arantes, 2003, p. 288) afirma que: “A constituição biológica da criança ao nascer não será a lei única do seu futuro destino. Os seus efeitos podem ser amplamente transformador pelas circunstâncias sociais da sua existência onde a escolha individual não está ausente”.

Na teoria de Wallon (*apud* Arantes, 2003), a afetividade distingue-se, diferenciando-se do sentimento, paixão e emoção. Mesmo que estas manifestações sejam confundidas, elas são diferentes. Sendo que o sentimento e a paixão são manifestações duradouras, e a emoção constitui-se em reação transitória e instantânea, que se difere em alegria, medo, tristeza e cólera que são manifestados através das expressões. Para Wallon, a emoção é uma forma de exteriorização da afetividade que evolui com influência das condições sociais:

As emoções são a exteriorização da afetividade [...]. Nelas que assentam os exercícios gregários, que são uma forma primitiva de comunhão e de comunidade. As relações que elas tornam possíveis afinam os seus meios de expressão, e fazem deles instrumentos de sociabilidade cada vez mais especializados (1995, p. 143).

Desse modo, a emoção está ligada ao movimento sendo através deste que a emoção se exterioriza. Além de ter uma natureza bio-social, a emoção tem também dimensões psíquicas, já que ela que faz a transição do estado orgânico do indivíduo para o estado cognitivo.

A emoção consegue estabelecer um diálogo entre a criança e o outro. E, foi assim que a professora contratada pelo fazendeiro do local onde eu morava, apresentou-se para a nossa sala de aula. Com autoridade e sem autoritarismo, conseguiu conquistar a confiança e o carinho de seus alunos, todos gostavam muito dela, havia uma empatia entre a professora e seus alunos, o que contribuiu muito para o meu aprendizado.

As relações interpessoais tornam-se fundamentais na educação, devem consistir para a reconstrução do aluno, o professor deve criar condições para que os alunos aprendam. O conhecimento é uma experiência pessoal e subjetiva construído no processo do vir-a-ser da pessoa humana. “O conhecimento é inerente à atividade humana. O ser humano tem curiosidade natural para o conhecimento” (MIZUKAMI, 2001, p. 44).

Mizukami (2001) salienta que a educação tem como finalidade criar condições para facilitar a aprendizagem do aluno, e seu objetivo é liberar a sua capacidade de auto-aprendizagem de forma que se desenvolva tanto intelectual quanto emocionalmente. O processo da educação quando centrada no sujeito leva à valorização da busca progressiva de autonomia, assumindo as regras. Na escola, esse sujeito deve ser respeitado e oferecidas as condições para desenvolver-se em seu processo de vir-a-ser, possibilitando a sua autonomia. Cada educador deve desenvolver um estilo próprio para facilitar a aprendizagem dos alunos.

As relações afetivas na sala de aula (professor-aluno e aluno-aluno) são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo da criança, como Leite e Tossoni expõem:

As interações em sala de aula são constituídas por um conjunto complexo de variadas formas de atuação que se estabelecem entre as partes envolvidas – professores e alunos. Uma maneira de agir está intimamente relacionada à atuação anterior e determina, sobremaneira, o comportamento seguinte. Na verdade, é pela somatória das diversas formas de atuação, durante as atividades pedagógicas, que a professora vai qualificando a relação que se estabelece entre o aluno e os diversos objetos de conhecimento. [...] Nesse processo de inter-relação, o comportamento do professor, em sala de aula, através de suas intenções, crenças, valores, sentimentos e desejos, afetam cada aluno individualmente (2007, s/p.).

Nesse sentido, a criança inicia o seu processo de aprendizagem, em seu grupo familiar através das relações de afeto, desde bebê, com a comunicação emocional. Ao ingressar numa instituição escolar amplia esse vínculo e conquista avanços significativos tanto no âmbito cognitivo como na afetividade, sendo a figura do professor fundamental para o seu desenvolvimento e evolução na aprendizagem.

Na teoria piagetiana, mente e corpo não funcionam independentes. A inteligência nesse aspecto possui dois lados: o cognitivo e o afetivo. Souza (*apud* Arantes, 2003, p. 57) ao configurar sua abordagem sobre as relações entre afetividade e inteligência, segundo a teoria piagetiana, aponta os pressupostos:

- Inteligência e afetividade são diferentes em natureza, mas indissociáveis na conduta concreta da criança, o que significa que não há conduta unicamente afetiva, bem como não existe conduta unicamente cognitiva;
- A afetividade interfere constantemente no funcionamento da inteligência, estimulando-o ou perturbando-o, acelerando-o ou retardando-o;
- A afetividade não modifica as estruturas da inteligência, sendo somente o elemento energético das condutas.

Desse modo, a afetividade não se restringe às emoções e aos sentimentos, mas também as tendências e a vontade. Na teoria piagetiana, o papel da afetividade e da inteligência nas condutas visa à adaptação, a consciência de uma necessidade. Assim, a conduta termina quando a necessidade é satisfeita e o retorno ao equilíbrio provoca o sentimento de satisfação.

A minha trajetória educacional passou por outras necessidades, como o da sobrevivência, o da adaptação, o da interação com outras pessoas, que se tornaram personagens importantes para que eu pudesse concretizar minha aprendizagem formal, que serão retratadas abaixo.

Em relação às necessidades de sobrevivência posso referir-se à necessidade de me deslocar de minha residência para outra localidade, em outro município, a fim de continuar meus estudos, aos nove anos, minha mãe tratou com outra dona de fazenda, que me levasse para a cidade e em troca

fazia companhia à sua mãe, de cadeira de rodas, e também os afazeres domésticos. Foi uma época muito difícil para mim, pois esta cidade era distante do local onde meus pais moravam, e apenas os visitava durante as férias escolares, porém a saudade de todos era amenizada pela vontade de aprender.

A partir de então, mesmo com pouca idade, tive consciência de que a minha sobrevivência dependia do meu trabalho.

Áries explicita que:

Os pais que se preocupam com a educação de suas crianças merecem mais respeito do que aqueles que se contentam em pô-las no mundo. Eles lhe dão não apenas a vida, mas uma vida boa e santa. Por esse motivo, esses pais têm razão em enviar seus filhos, desde a mais tenra idade, ao mercado da verdade sabedoria (o colégio), onde eles se tornarão os artífices de sua própria fortuna [...] (1981, p. 277).

Nesta cidade cursei a primeira e segunda série, e minha mãe conseguiu uma escola mais próxima para eu estudar, onde morei com uma professora e, aos doze anos, cuidava de seus três filhos menores. Aqui houve uma adaptação mais rápida, pois eu podia contar com o afeto dessa professora que se sentia bem em perceber que eu e seus filhos nos interagíamos sem conflitos.

Sempre obtive notas boas, mas deparei-me com grandes dificuldades na disciplina de ciências, ao cursar a quinta-feira. Não conseguia assimilar o livro didático adotado pela escola e reprovei. Na época pensei ser meio “burrinha”, mas ao concluir a disciplina de ciências no curso de pedagogia, mudei minha visão: a professora queria que entendesse algo que não era palpável, e sabemos hoje que o ensino fundamental é formado por um conjunto de conhecimentos teórico-prático que deverão ser explorados nas mais diversas situações da vida do aluno, com o objetivo de passar a informação e aplicação à interação com o ambiente num processo de construção.

Souza (*apud* Arantes, 2003, p. 58) afirma que: “Piaget fala ainda dos sentimentos de sucesso e de fracasso interferindo no desempenho e na

aprendizagem, mas restringe esse efeito ao ritmo e não à estruturação que permite a aprendizagem”. Nesse sentido, a teoria piagetiana afirma que: “O campo total engloba, ao mesmo tempo, o sujeito, os objetos e as relações entre sujeito e objetos” (SOUZA *apud* ARANTES, 2003, p. 58).

Porém, ao me preparar para a quinta série, do Ensino Fundamental, meu pai decidiu levar-me para a casa no sítio onde morávamos. Como não havia escola além das séries iniciais, fiquei sem estudar naquele ano. Enquanto isso, minha mãe conseguiu com uma costureira, da cidade mais próxima, que eu ficasse em sua casa para dar continuidade aos estudos. Como retribuição à moradia eu deveria cuidar dos afazeres domésticos e no período livre aprenderia a costurar. No entanto, a única coisa que fiz naquela residência durante um ano foi trabalhar.

Minha mãe ao perceber que a costureira não cumpria o que haviam combinado buscou-me e levou-me para a casa de um tio que residia bem próximo. Ali aprendi riscar e recortar moldes de roupas, e assim, comecei a costurar.

Não demorou muito para que eu me realizasse profissionalmente, trabalhando como ajudante de costureira, no entanto, somente após uma nova mudança para a casa de uma prima.

Senti que meus horizontes profissionais se ampliavam, pude ingressar num curso de Datilografia e retornar os meus estudos. O curso de Datilografia era a exigência do momento para quem almejasse candidatar-se a uma vaga no mercado de trabalho na área industrial ou comercial.

E, certamente, foi útil o curso de Datilografia e o término do Ensino Fundamental, pois aos vinte e um anos, fui admitida como auxiliar administrativo em uma loja de eletrodomésticos. Trabalhei durante dez anos, exercendo diversas funções até chegar a encarregada administrativa. Mas, como tudo na vida tem um tempo determinado, meu tempo nessa empresa terminou.

Não me deixei abalar, superei os desafios do desemprego e iniciei um novo trabalho, agora na área educacional, como Auxiliar numa Secretaria de uma escola particular bem conceituada na cidade.

Pude perceber o quanto é relevante para o nosso aprendizado as relações interativas, pois nos oferecem oportunidades comunicativas e essas relações que se estabelecem definem novos papéis em nossa aprendizagem e na prática profissional.

Uma identidade profissional se construía a partir da minha significação social e não tinha como estabilizar-me ali, com um salário que não cobria as minhas necessidades e de meus pais, que naquele momento tornei-me arrimo de família. Uma oportunidade surgiu para que eu me deslocasse, mais uma vez, agora de um estado para outro, ou seja, do estado de Minas Gerais para o estado de São Paulo, onde me investi de muita coragem e pouco dinheiro. Não sei se devo às pessoas que aqui encontrei como, efetivamente, solidárias ou à minha maturidade e experiências construídas até aquele momento, pois sobressaí profissionalmente. Chego à conclusão que ambos foram essenciais para mim, embora ainda me sentisse despreparada ou sem aptidão para o cargo de vendedora, foi o que surgiu naquele momento, mesmo assim arrisquei ao atuar como vendedora.

No entanto, ao perceber que não “levava jeito” para as vendas e, gostava mesmo era do trabalho burocrático, informei-me sobre o mercado de trabalho e consegui marcar uma entrevista com um gerente de uma empresa distribuidora de gás. Fiz um teste, na época, usando uma máquina de escrever elétrica e calculadora. Lá trabalhei quase dez anos e, novamente, tive que desempenhar diversas funções: contas a pagar, faturamento, auxiliar telefonista, caixa, estoque. Portanto, nesse período, atuando nessa empresa que consegui formar minha família, casando e tendo uma filha, logo pude realizar o sonho da casa própria, sendo a mesma financiada naquele momento.

Prosseguindo minha caminhada profissional tive a oportunidade de relacionar-me com outras professoras, profissionais de Creches, e esse contato trouxe resultado imediato e satisfatório, pois eu soube de um concurso e da **não exigência** do curso de Magistério **naquele momento**.

Mesmo assim, eu estava preocupada com minha formação acadêmica, e assim, não me fiz de rogada, busquei informações quanto à formação e inscrevi-me para o concurso.

Ao referir-se à prática educativa de um professor, naquele período não havia as mesmas exigências de hoje para que desempenhasse essa função. Portanto, as exigências em termos legais e em pesquisas e teorias educacionais apontam para a melhoria da atuação profissional com o objetivo do professor trabalhar, criar, refletir sobre sua ação e redirecioná-la. Tendo assim, como ponto polêmico na formação e atuação do professor, a capacidade de auto-avaliar e reformular suas ações e concepções requer um compromisso desse profissional.

Em minha trajetória tive que tomar decisões importantes, mas sempre contei com o incentivo de minha família, e o afeto que acredito ser essencial para o bem estar do indivíduo.

Desse modo, Harkot-de-La Taille explicita que:

Desenvolvemos o ideal de felicidade e os **projetos de vida** como uma espécie de elo entre o sujeito e a coletividade a que pertence. A relação sujeito/mundo engendrará os ideais de felicidade do primeiro e realimentará a si mesma, podendo meramente referendar os valores vigentes ou questioná-los, talvez intervindo nos valores do segundo, mas sempre pressupondo a liberdade do sujeito de optar minimamente por seus ideais (grifos meus) (*apud* Arantes, 2003, p. 187).

Nessa perspectiva, somos livres para nossas decisões e mesmo que nossa liberdade seja limitada por fatores externos, ela existe e é nossa força na trajetória de vida.

CAPÍTULO III

A FORMAÇÃO PROFISSIONAL E A VALORIZAÇÃO DA PRÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL COMO MAIS UMA CONQUISTA

No contexto da globalização política e econômica, da informação e da comunicação, do progresso e do desenvolvimento do mundo, a exigência social da escola e de profissionais preparados para desenvolver as funções pedagógicas está cada vez mais evidenciada.

E, nesse contexto, reflito sobre a minha opção pela atuação na área educacional, em que prestei o concurso para área da educação, obtive bom resultado e fui chamada logo depois. Preocupei-me por não ter uma formação profissional especializada e a e minha falta de experiência, que logo busquei a minha qualificação.

Devido a responsabilidade que a educação atribui, diante das mudanças nessa área, o desafio propõe criatividade e responsabilidade para lidar com a realidade. Foi nesse momento que acreditei que seria melhor candidatar-me para exercer a função de apoio, o que me daria oportunidade de observar outras professoras com mais tempo de trabalho e experiências.

Porém, ao chegar à Creche, a diretora comunicou que eu assumiria uma turma do Maternal, justificando o afastamento da educadora titular por problema de saúde. Confesso que me senti insegura, preocupada em como comunicar com as crianças, uma vez que elas necessitam de cuidados e muito carinho. Logo, apresentei à diretora minha angústia. No entanto, ela considerou como uma reação natural de uma iniciante.

Nessa perspectiva, Huberman realça em relação a inserção dos docentes na aprendizagem profissional que:

Como primeira fase desse ciclo, a de **entrada na carreira**, que corresponde aos dois a três primeiros anos de ensino – e se caracteriza pelos aspectos de **sobrevivência** e de **descoberta**,

geralmente vividos em paralelo. A sobrevivência é identificada com o “choque do real”, a constatação da complexidade da situação profissional: o tatear constante, a preocupação consigo próprio (“Estou a me agüentar?”), a distância entre os ideais e as realidades cotidianas da sala de aula, a fragmentação do trabalho, a dificuldade em fazer face, simultaneamente, à relação pedagógica [...] (grifos do autor) (1992, p. 39).

Realmente experimentei alguns sentimentos de angústia e ansiedade, mas em nenhum momento pensei em desistir, cada dia era uma nova experiência e os desafios me impulsionavam. A experiência com crianças realizava-se em meu cotidiano duplamente, com minha filhinha em casa e na sala de aula da Creche.

As orientações dadas pela diretora e o auxílio que recebia das colegas foram de suma importância para o desenvolvimento do meu trabalho e sempre foi muito gratificante realizá-lo.

Segundo Huberman:

O aspecto da descoberta é que permite agüentar o primeiro, por traduzir o “entusiasmo inicial, a exaltação por estar, finalmente, em situação de responsabilidade (ter a sua sala de aula, os seus alunos, o seu programa), por se sentir num determinado corpo profissional (1992, p. 39).

Nesse sentido, minha prática pedagógica foi bem movimentada, tanto no recinto interno como fora, pois busquei conhecimentos especializados, debruçei nas teorias específicas, procurei cursos de formação e especialização.

Na pesquisa, como aperfeiçoamento profissional, deparei-me com as teorias piagetianas, em que enfatiza a necessidade em ampliar a capacidade de concentração do aprendiz e oferecer o ambiente de sala de aula favorável à aprendizagem.

No processo de ensino e aprendizagem torna-se fundamental conhecer as principais características do desenvolvimento da criança, como condição para planejamento de sua ação pedagógica, para que em sua

atuação, o professor sinta-se mais seguro e decisivo em sua prática, e no cuidar e educar das crianças. Busquei o conhecimento sobre a prática pedagógica para o universo da educação infantil e as funções atribuídas para o cotidiano, bem como, o caráter lúdico, a interação e a afetividade.

Desse modo, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p. 27) propõe que a prática educativa deve se organizar de forma que as crianças desenvolvam as seguintes capacidades:

- Familiarizar-se com a imagem do próprio corpo;
- Explorar as possibilidades de gestos e ritmos corporais para expressar-se nas brincadeiras e nas demais situações de interação;
- Deslocar-se com destreza progressiva no espaço ao andar, correr, pular, etc., desenvolvendo atitude de confiança nas próprias capacidades motoras;
- Explorar e utilizar os movimentos de preensão, encaixe, lançamento etc., para o uso de objetos diversos.

Assim, a professora que trabalha com crianças deve cuidar de sua expressão e posturas corporais, pois o corpo é um veículo expressivo e deve valorizá-lo, adequando os gestos e os movimentos na comunicação com as crianças. Outro fator importante usado como recurso didático é a brincadeira para ajudar as crianças a desenvolverem a motricidade de forma harmoniosa.

Ali estava eu, buscando conhecimentos para minha atuação profissional, não havia feito o curso de Magistério, no entanto tinha consciência de minha responsabilidade com as crianças e da necessidade urgente da formação profissional na área da educação.

Nos dias atuais, o profissional da educação tem como suporte a LDB – Lei de Diretrizes e Bases Nacionais da Educação, Lei nº. 9.394/96, que estabelece a necessidade de que a prática cotidiana na sala de aula seja alvo de discussão, e assim propõe uma política que assume a concepção da Constituição de 1988 e lança as novas diretrizes para a área, afirmando a necessidade de construir a profissionalização dos trabalhadores de educação.

A LDB – Lei 9.394/96 incorpora algumas questões definidas pelo MEC, em 1993, estabelecendo o Título VI, que trata “Dos Profissionais da Educação”:

Art. 61 – A formação de profissionais da educação, de modo a atender os objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e às características de cada fase do desenvolvimento do educando, terá como fundamentos:

I – a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação sem serviço;

II – aproveitamento da formação e experiências anteriores em instituições de ensino e outras atividades.

Brandão (2003) realça que o Artigo 61 explicita os objetivos que devem nortear a formação dos profissionais em Educação no Brasil. Apresentam-se como pontos principais a valorização das “experiências anteriores” dos docentes e a “associação entre teorias e práticas”, atividades que devem ser indissociáveis.

Ao referir-se à formação de docentes da educação básica estabelece:

Art. 62 – A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na Educação Infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal.

O artigo 62 foi alvo de polêmica quanto à sua interpretação, portanto torna-se claro que qualquer docente já atuante na Educação Infantil e/ou nas séries iniciais do ensino fundamental não precisa vir a freqüentar, obrigatoriamente, qualquer curso de nível superior, a não ser por vontade própria.

Desse modo, as definições estabelecidas na Lei de Diretrizes e Bases – Lei 9.394/96 trouxeram objetivos significativos quanto à formação dos professores que trata do contexto da realidade brasileira, que vem criando novas solicitações aos quadros profissionais no Brasil.

Percebi como professora que a capacidade em relação à prática pedagógica é resultante da minha atuação pedagógica, orgulho-me em dizer que não tive dificuldades nessa função. No entanto, tudo evidencia que para

atuar na Educação Infantil o profissional deve preparar-se para cuidar de uma criança num contexto educativo demanda a integração de vários campos de conhecimentos e cooperação de profissionais de diferentes áreas.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, volume I, (1998), a base do cuidado humano é compreender como ajudar o outro a se desenvolver como ser humano. Cuidar significa valorizar e ajudar a desenvolver capacidades.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (Vol. I, p. 75, MEC/SEF, 1998) afirma que:

Para cuidar é preciso antes de tudo estar comprometido com o outro, com sua singularidade, ser solidário com suas necessidades, confiando em suas capacidades. Disso depende a construção de um vínculo afetivo entre quem cuida e é cuidado.

Desse modo, a criança deve ser cuidada e educada, sem fragmentação entre as ações de cuidar e educar, e com isso faz-se necessária a formação dos profissionais que atuam nessa área. Portanto, só se educa cuidando e só se cuida educando.

Ciente das novas exigências para a atuação na educação, em especial, na Educação Infantil, e com intenção de prosseguir como profissional da educação cursei o Magistério e, hoje, estou na fase final do curso de Pedagogia, o qual me trouxe uma nova visão de mundo.

Com o curso de Pedagogia, sinto-me capaz de analisar a minha prática pedagógica, percebo as minhas ações diante das idéias que me orientam. As idéias, as concepções e as teorias estão presentes em minha atuação como educadora atuante na Educação Infantil. Acredito, ainda que, a formação acadêmica, a qual refiro à formação do PROESP, me proporcionou melhores condições para acompanhar as mudanças educacionais e nelas atuar.

Desse modo, a formação universitária tornou-se significativa em minha atuação como professora, promovendo em mim a capacidade de auto-

avaliar e reformular considerações que forem julgadas como necessárias para o bom desempenho do meu compromisso e aperfeiçoamento do trabalho.

Segundo Nóvoa:

A formação pode estimular o desenvolvimento profissional dos professores no quadro de uma autonomia contextualizada da profissão docente. Importa valorizar paradigmas de formação que promovam a preparação de professores reflexivos, que assumam a responsabilidade do seu próprio desenvolvimento profissional e que participem como protagonista na implantação das políticas educacionais (1992, p. 27).

Nessa perspectiva, uma boa formação possibilita ao profissional tornar-se reflexivo em sua atuação diante de novos paradigmas numa concepção de escola e de mundo. O professor em seu conhecimento pedagógico deve tornar-se ciente em relação teórica e prática no processo de ensino e de aprendizagem, analisando criticamente as relações entre o saber pedagógico e o saber científico no fazer didático.

Mizukami traz contribuições relevantes ao referir-se à teoria e à prática como abordagens do processo ensino-aprendizagem e o professor relacionando-as à formação universitária:

O papel da teoria é, muitas vezes, limitado. Para alguns aspectos do fenômeno educativo, a explicação das relações envolvidas pode não ser suficientemente desenvolvida ou abrangente, e sua incompletude pode, inclusive, servir de guia ou fornecer elementos para reflexão. Não há teoria que, por sua própria natureza, fins e prioridades, seja elaborada e resista às mudanças sociais, filosóficas e psicológicas, pelo menos do ponto de vista do ser humano que a examina, e utiliza e participa do mundo que o cerca (2001, p. 106).

Nessa direção, apresentam-se, muitas vezes, teorias em fase de elaboração ou (re)elaboração que podem servir apenas como reflexão; devem apresentar-se teorias mais consistentes reconhecidas como aquisição de conhecimento e assim poderão ser aceitas ou superadas por outras mais consistentes, como “definidoras de relações mais amplas e ricas entre o modelo teórico explicativo e o conceito disponível” (MIZUKAMI, 2001, p. 107).

Hoje, existe uma preocupação muito grande quanto a prática pedagógica que não se deve dissociar a teoria e a prática, por esse motivo investigam-se, os pesquisadores da área educacional, quanto à formação universitária para que o que se aprende nos cursos de formação de profissionais não permaneça externo aos profissionais, sugere a necessidade de se repensar e analisar as abordagens do processo ensino-aprendizagem para que sejam articuladas a teoria à prática pedagógica.

Considero a abordagem cognitivista, a preferida por mim e pelas demais professoras do meu meio, pois realçamos a participação ativa do aluno, durante a aprendizagem no processo de seu desenvolvimento, respeitando seu ritmo e características próprias.

E, assim, optamos por uma teoria do desenvolvimento humano, uma epistemológica genética complementando os aspectos sócio-culturais, que contamos com as contribuições de Vygotsky, como Oliveira *apud* La Taille, fundamenta:

Vygotsky tem como um de seus pressupostos básicos a idéia de que o ser humano constitui-se enquanto tal na sua relação com o outro social. A cultura torna-se parte da natureza humana num processo histórico que, ao longo do desenvolvimento da espécie e do indivíduo, molda o funcionamento psicológico do homem (1992, p. 24).

Desse modo, compreende-se dentre as concepções de Vygotsky sobre o desenvolvimento humano como processo sócio-histórico e a idéia de mediação, em que o sujeito de conhecimento, “o homem não tem acesso direto aos objetos, mas um acesso mediado, isto é, feito através dos recortes do real operados pelos sistemas simbólicos que dispõe” (LA TAILLE, 1992, p. 26).

Quando usamos a aprendizagem, como a nossa formação profissional, buscamos a concretização do conhecimento. O profissional da educação precisa ter uma postura crítica e criativa percebendo a diversidade e, ao mesmo tempo, buscando a universalidade do saber.

Dutra ao referir-se a conhecimento e aprendizagem explícita:

A noção de investigação desempenha um papel central na concepção que desejamos defender sobre a relação entre conhecimento e aprendizagem e, por extensão, entre ciência e educação. Se o conhecimento é o resultado, por assim dizer, da aprendizagem; esta, por sua vez, é investigação. O aprender é tentar um novo modo de proceder, de resolver um problema (2000, p. 18).

Nesse sentido, o professor ao investigar está agindo sobre o meio e quando o meio age sobre o professor, modificando-o de alguma forma seu comportamento, amplia sua visão de mundo e se dá a aprendizagem. A aprendizagem é vivenciada e, então, se concretiza o conhecimento.

Na psicogenética de Wallon, tem-se a dimensão afetiva ocupando lugar central na construção da pessoa quanto do conhecimento, em que a afetividade é também uma fase do desenvolvimento. “O ser humano foi, logo que saiu da vida puramente orgânica, um ser afetivo. Da afetividade diferenciou-se, lentamente, a vida racional” (DANTAS *apud* LA TAILLE, 1992, p. 90). Na teoria walloniana, a emoção é o primeiro e o mais forte vínculo entre os indivíduos.

Dantas prossegue em sua explicitação:

No seu momento inicial, a afetividade reduz-se praticamente às suas manifestações somáticas, vale dizer, é pura emoção. Até aí, as duas expressões são intercambiáveis: trata-se de uma afetividade somática, epidérmica, onde as trocas afetivas dependem inteiramente da presença concreta dos parceiros (1992, p. 90).

Nesse sentido, Wallon estabelece uma estreita ligação entre as emoções e a atividade motora; a criança, logo ao nascer manifesta um tipo de movimento totalmente ineficaz do ponto de vista da transformação do ambiente físico. Esses movimentos tornam-se expressivos, organizados e intencionais através da comunicação do bebê com o ambiente humano, por meio de respostas marcadas pela emoção. E, a partir das interpretações dos adultos que os gestos da criança passam a ganhar significado.

O autor, acima citado, traz significativa contribuição ao afirmar que há uma distinção entre emoção e afetividade; pois as emoções são

manifestações de estados subjetivos, refere-se às contrações musculares ou viscerais, comunicadas através do choro, que o bebê comunica com o adulto sobre algum desconforto que está sentido. Enquanto, a afetividade, tem um concepção mais ampla, envolvendo uma gama maior de manifestação, abrange os sentimentos que são de origem psicológica, e emoções, de origem biológica. A afetividade corresponde a um período mais tardio na evolução da criança, ao surgir os elementos simbólicos. A afetividade é fundamental na comunicação do bebê com o adulto, nos primeiros meses de vida, que manifesta através de impulsos emocionais os seus primeiros contatos com o ambiente. É por meio da afetividade que a criança acessa o mundo simbólico e daí origina a atividade cognitiva e, assim, desenvolve gradativamente.

Todo esse conhecimento, como profissional da educação, tornou-me mais segura em relação à minha prática pedagógica, o curso de formação como professora promoveu a minha compreensão em relação às exigências e às mudanças sociais, com um novo olhar para a realidade educacional vendo o sujeito (aprendiz) como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha trajetória de vida refletida até aqui, especialmente, o que mais me marcou abrangendo minha infância, adolescência e maturidade, graças aos meus pais. Estes foram as personagens principais que possibilitaram transcorrer nuances de uma história marcada por sentimentos, desafios, perspectivas, conquistas.

Em minha memória busquei, em alguns momentos com a ajuda de minha mãe, e me deixava absorver toda aquela vivência e convivência o que parecia reviver novamente, refletia, analisava e apresentava hipóteses para que tomassem novos rumos aqueles “flashes” que desnudava a minha fantasia, parecia um “sonho de olhos abertos”.

Mesmo sendo real, como eu gostaria de desviar o desfecho de alguns conflitos vividos. Mas como? Tudo é real, não estava montando uma peça teatral, eu estava narrando minhas memórias, analisando-as e ressignificando-as.

Nessa narrativa pude valorizar os sentimentos, as emoções, o afeto como uma mola propulsora para as minhas conquistas, como elemento essencial em meu desenvolvimento de forma integral. A proteção, o amor, o carinho, a superação de obstáculos que conduziram a minha vida acadêmica devo à minha família.

Nessa reflexão e novos significados retratados em minha trajetória histórica evidenciou-se a influência significativa resultante do afeto que recebi e conclui que a afetividade é condição essencial no desenvolvimento da personalidade do ser humano.

Constatarei, ainda, a importância das relações afetivas no ambiente escolar e dos envolvidos, e nas teorias que mostraram que a inteligência possui dois lados: o cognitivo e o afetivo.

Acredito que o homem é capaz de superar as dificuldades, os conflitos, as dificuldades por seu esforço próprio, força de vontade e lançar-se

em busca de suas realizações. Foi com essa concepção de vida que me identifiquei, social e profissionalmente, na área educacional.

A angústia e a ansiedade ao sentir-me despreparada diante de uma sala de aula, pela primeira vez, não me fez retroceder, muito ao contrário, tornou-se um desafio que me fez arriscar, pesquisar, investigar, adquirir conhecimentos específicos e conceder-me a formação profissional como educadora.

Não foi fácil, principalmente no início da carreira, sabemos que o novo nos assusta, mas consegui reformular minhas considerações e hoje sinto-me bem preparada para minha atuação pedagógica.

Finalizando, devo acrescentar que o curso de Pedagogia não é a etapa final para minha aprendizagem, é um segmento que me conduz para novos olhares, novas concretizações, novas buscas, um contínuo aprender, um crescimento renovado a cada dia para novas realizações para um ensino de qualidade. E, o profissional que se compromete com o seu trabalho, no desempenho de sua atuação, em especial, na educação, deve estar sempre atualizado, se adequando, quanto às inovações da nova era, norteadas pelo avanço da ciência e da tecnologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Trad. de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade** – Lembranças de Velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. **LDB: passo a passo: lei de diretrizes e bases da educação** (Lei nº. 9.394/96), comentada e interpretada artigo por artigo. São Paulo: Avercamp, 2003.

BRASIL. **Referencial Curricular para a Educação Infantil (RCNEI)**. Vol. 1 e Vol. 3, Brasília: MEC/SEF, 1998.

D'ANDREA, Flávio Fortes. **Desenvolvimento da personalidade: enfoque psicodinâmico**. 14. ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2000.

DANTAS, Heloysa. A Afetividade e a Construção do Sujeito na Psicogenética de Wallon, p. 85-98. In: LA TAILLE, Yves. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

DEL PRIORE, Mary(Org.). **História da criança no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2002.

DUTRA, Luiz Henrique de A. **Epistemologia da aprendizagem**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis: Vozes, 1995.

HARKOT-DE-LA-TAILLE, Elizabeth. Ação moral e estereótipos culturais. In: ARANTES, Valéria Amorim (org.). **Afetividade na Escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2003.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, Antonio (org.). **Vidas de professores**. Porto/Portugal: Porto Editora, 1992.

LA TAILLE, Yves. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

LEI N.º 6 – DE 19 DE DEZEMBRO DE 1946.

LEITE, S.A.S.; Tassoni, E.C.M. **A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor**. Disponível em:

<www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASL-AAfetividadeemSaladeAula.pdf>. Acesso em: 29-10-2007.

MACEDO, R.M.S. A família diante das dificuldades escolares dos filhos. In: Vera Barros Oliveira (Org.). **Avaliação Psicopedagógica da criança de 0 – 6 anos**. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MARTINEZ, Lucila. **Escola e família**. Dez questões atuais sobre o relacionamento professores/pais/comunidade. Fundação Escola do Serviço Público. Jornal “Extra” 2007. Disponível em: <www.fesp.rj.gov.br/fesp_2007/escolafamilia>. Acesso em: 17-12-2007.

MIZUKAMI, M. de G. N. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 2001, p. 37-57.

NÓVOA, A. A formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (Coord.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

OLIVEIRA, Marta Kohl. Vygotsky e o Processo de Formação de Conceitos. In: LA TAILLE, Yves. **Piaget, Vygotsky, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. 25 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA DE ITUIUTABA-MG. **2001 – Centenário de Ituiutaba**. Ituiutaba: EGIL, 2001.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 21. ed, São Paulo: Cortez, 2001.

SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de. O desenvolvimento afetivo segundo Piaget. In: ARANTES, Valéria Amorim (org.). **Afetividade na Escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 2003.

VYGOTSKY, L.S. **Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WALLON, H. O papel do outro na consciência do eu. In: ARANTES, Valéria Amorim (org.). **Afetividade na Escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 2003.

_____. **Psicologia e Educação da Infância**. Lisboa: Estampa, 1995.